

O CENTENÁRIO DE MAGALHÃES EM VIANA DO CASTELO (1)

Realizou-se na quarta feira, 27 do corrente, às 10 horas da noite, a sessão solene do Instituto Histórico do Minho, que anunciáramos no número anterior, — brilhante festa integrada na comemoração nacional do 4.º centenário do feito de Fernão de Magalhães, e para a qual a academia minhota fôra amavelmente solicitada pelo douto Instituto de Coimbra, oficialmente encarregado daquela celebração por portaria de 15 de Junho de 1920.

Aquella hora, a austera sala da Casa dos Arcos, sede do Instituto, regorgitava de convidados e público, pois que fôra franqueada a entrada, vendo-se ali o escol da sociedade de Viana. Predominava o elemento militar, imprimindo as fardas um belo aspecto ao nobre recinto.

O Sr. Silva Campos, Presidente da Direcção, convidou o Sr. Governador Civil a assumir a presidência, o que o

(1) D. José Manoel de Noronha, Secretário da Comissão do Centenário, recebeu do Sr. Júlio de Lemos, Secretário Perpétuo do Instituto Histórico do Minho, uma carta de que transcrevemos os seguintes trechos:

«Deve V. Ex.ª estar já informado, pelos relatos jornalísticos, do excepcional brilhantismo que a sessão solene dêste Instituto revestiu. Foi uma festa imponente, digna do herói. Felicito, pois, V. Ex.ª com a maior efusão, pelo êxito dos seus esforços para que esta comemoração resultasse, como de facto resultou, um jubileu *nacional*.

«Pode V. Ex.ª afoitamente garantir ao Instituto de Coimbra que, se não fôra o conselho e o estímulo de V. Ex.ª, não teríamos aqui feito o que se fez — e que foi muitíssimo, se atendermos ás deficiencias do meio.

«A conferência de Cervaens y Rodríguez electrizou o auditório, selectíssimo, por quasi duas horas».

A Comissão aproveita o ensejo para agradecer publicamente ao Instituto Histórico do Minho a sua valiosa cooperação, e pede vénia para reconhecer, em especial os inestimáveis serviços do Sr. Júlio de Lemos.

Sr. Major Inácio Severino fez, escolhendo para secretários os Srs. Rodrigo de Abreu, Presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal e Coronel Coelho de Oliveira, Comandante Militar. A assemblea acolheu a digna Meza com uma salva de palmas.

O Sr. Governador Civil, depois de ler um telegrama do Ministério do Interior, em que se lhe comunicava que Sua Ex.^a o Sr. Presidente da República se fazia representar, naquela sessão, pelo Ex.^{mo} magistrado superior do distrito, e o ilustre Presidente do Governo era representado pelo Sr. Secretário Perpétuo do Instituto, proferiu uma patriótica alocução, dizendo quanto o enleava a grande honra de representar o alto espírito do preclaro Chefe do Estado e quanto o obrigava a distinção de presidir a uma sessão de tão importante sociedade científica consagrada a um português eminente, a quem rendeu as suas homenagens.

O Sr. Silva Campos discursou sobre as razões que determinaram Magalhães a ir oferecer os seus serviços a Espanha e, aproveitado o uso da palavra, fez um caloroso elogio do Sr. Cervaens y Rodríguez, que ia efectuar a sua conferência, apresentando-se pela primeira vez perante o Instituto, que muito se desvanecia de contar no seu quadro o talentoso professor e erudito publicista, já consagrado por outras brilhantes agremiações, como a Academia de Ciências de Portugal, a Academia Galega, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, etc.

Leu o Sr. Presidente do Instituto o trabalho «Glorias de la Raza», pelo sócio Sr. D. Avelino Rodríguez Elias, em que este distinto escritor, parafraseando um verso de Camões, engrandece a raça lusitana.

O Sr. Júlio de Lemos mostrou que Magalhães fôra o continuador de Colombo, o qual seguira em 1492 a rota equatorial descoberta por Frei Gonçalo Velho em 1431, e frisou as responsabilidades que advêm para o povo português da comemoração que se estava fazendo.

O Sr. Cervaens y Rodriguez, que ostenta o lindo colar do Instituto de Coimbra, além das rosetas de S. Tiago e da Legião de Honra, adianta-se e inicia a sua magistral conferência.

Num preâmbulo delicado, o primoroso orador saúda os consagrados do Instituto, merecendo-lhe particulares referências, Silva Campos, Figueiredo da Guerra, Coronel Sarmiento, Henrique Bravo, Oscar de Pratt, Dr. Luiz de Oliveira, Rodríguez Elias, Júlio de Lemos, Manuel Boaventura,

João Gomes de Abreu, Dr. Henrique Galvão, Manuel Silva, Lacerda Machado e Vaz Passos, a todos dedicando palavras de justo encómio.

Agradece os termos da apresentação do venerando Presidente do Instituto, sentindo não poder corresponder a tão benévola hospitalidade, e toma essa apresentação como incitamento acariciador daquela academia regional a tudo quanto representa esforço individual.

Num exórdio admirável, põe em foco a obra de intercambio intelectual que o Instituto vem mantendo com a Espanha, especialmente com a Galiza, afirmando que essa obra ficou radicada na noite de 28 de Fevereiro passado, com a solene homenagem prestada ao grande poeta galego, Antonio Noriega Varela. Incita o Instituto a prosseguir nessa benemérita cruzada, para que passem a fronteira o escrínio de Junqueiro, as gemas fúlgidas de João de Deus, as brilhantes rimas de Correia de Oliveira e Júlio Brandão, as divinas estrofes de Antero, a sentimental lira de Gomes Leal e a pureza e lirismo de Eugénio de Castro, que podem encontrar-se, com donaire e altivez, com as filigranas campoamorinas, as joias zorrilistas, as belezas vilaespesianas, as canduras de Manuel Bueno e os soluços dos poetas que moram nos jardins de Valência.

O Instituto Histórico do Minho, dispõe de embaixadores literários que muito podem fazer a prol d'este ideal. Faz uma resenha dos trabalhos efectuados, mostrando o mérito das letras espanholas e enaltecendo o das galegas.

Entrando no assunto da conferência, trata do inconfundível valor da Raça Peninsular, pondo em paralelo o amor pela honra, tanto por franceses e polacos, como por ingleses, exemplificando com o amor da novidade em cada um d'esses povos. Tomando como base o teatro de Shakespeare e a música de Wagner, salienta como os franceses se riem do teatro shakespeareano, evidenciando uma reserva glacial e pertinaz. Assevera que, quando se executa e canta música do autor do *Lohengrin*, nas enchentes dos teatros franceses, a enorme maioria disfarça o bocejo com sorrisos que affectam compreensão superior ou estético sibaritismo à sobreposse.

Demonstra que Napoleão I, homem de génio, mas educado à francesa, riu a bandeiras despregadas da descoberta de Fulton. Voltaire achincalhara Shakespeare. Berlioz, por ser um génio superiormente original, teve tantos inimigos como Wagner. Se Vitor Hugo foi peninsular, gongórico, em

forma e essência, devia isso a ter vivido em Espanha, na sua infância. Napoleão não era um francês, era um corso, um italiano. Saint-Saëns, Berlioz, o próprio Massenet, o mais francês de todos, eram aberrações destoantes do espírito da sua raça. Flamarion e Gustavo Le Bon tinham uma educação de cunho estranho à França: a Vedante da Índia, para o primeiro, moderna filosofia germânica para o segundo. A França e a Polónia parecem-se singularmente no heroísmo redentor, como cultura brilhante do amor próprio, e a Inglaterra visa mais o lucro do indivíduo do que a honra da nação e a felicidade humana.

A Raça Peninsular não tinha a vaidade francesa, nem a irritabilidade fugaz e mórbida do polaco, nem a soberba olímpica do inglês. Se as tivesse, Cervantes não haveria escrito com verdade o *D. Quichote*; o culteranismo não teria excedido o tímido e, às vezes, gracioso marinismo italiano; não teria Portugal feito da Ponta de Sagres a bússola que orientou a Humanidade, nem a Espanha teria compreendido o sonho de Colombo e o plano colossal de Fernão de Magalhães; nem Albuquerque, com um punhado de homens, teria feito na Índia mais do que Napoleão I faria na Europa; nem Camões saberia encontrar entre o paganismo e o cristianismo a assombrosa ligação filosófica que resplandece nos *Lusiadas*.

Repelindo a asserção de que os povos peninsulares não são inventivos, põe em destaque os descobrimentos, dizendo que as maravilhas dos navegadores, colonizadores e missionários não tem a ultrapassá-las, em alcance moral, em grandeza, as maravilhas dos progressos materiais, embora estas sejam muito valiosas. Os rasgos de raça tão fidalga perfulguram em heroísmo e patriotismo.

Faz um sugestivo bosquejo das obras e vida de Gonçalo Velho, levantando um monumento à figura do ínclito português, e explicando que era opinião sua que a Terceira tinha sido descoberta pelo comendador de Almourol, pois a doação que o Infante fizera a Jácome de Bruges, não provava que este a tivesse descoberto, visto que doações idênticas tinham sido feitas a capitães que não descobriram o que lhes era doado.

Faz um lúcido e preciso retrato da excelsa figura de Fernão de Magalhães, natural do Pôrto, sentindo que a cidade que lhe servira de berço não tivesse festejado esta data fulgurante de 27 de Abril.

Expõe a valentia de Magalhães na Índia, na expedição a

Malaca, e como êle se batera, com glória, na sanguinolenta defeza da praça de Azamor. Aclamado como herói pelos seus companheiros de armas, regressando a Lisboa, pedira melhoria de situação a D. Manuel. Explica a crueza do rei, desatendendo o que o herói lhe suplicara, a intensa e encarniçada intriga palaciana, que chegara a acusá-lo de peculato num caso de prêsa ou fisco, em Azamor. Narra como o herói, intrigado, vai à África, para documentar irresponsavelmente a sua defeza e como demonstra a sua inocência ao rei, com triunfal serenidade. Foca o procedimento do monarca, negando-lhe a reparação devida e o próprio beija-mão, ferindo irritantemente o ânimo de Magalhães. Elucida como o sonho da circunnavegação do globo o empolgara até ao delírio, a luta travada no cérebro do patriota, tendo de oferecer a estranhos um tão grande cometimento e como imperavam nele as tristes conseqüências de Portugal ter regeitado o oferecimento de Colombo, e a fidalguia do acolhimento a êste dispensado e a risonha esperança de ver convertido em realidade o seu sonho ardente.

Descreve o entendimento com o Cardeal Ximenez, a aprovação da sua emprêsa, a partida das caravelas, a ida de alguns portugueses com êle, a eclosão da revolta dos capitães da frota, o castigo cruel que lhes applicara, o costeamento da América, a percurso do estreito do seu nome e o aparecimento triunfal da sua frota no Pacífico, no novo mar, no novo caminho da Índia, o aparecimento das Filipinas, o aportamento a Zebu e Matan, a traição do régulo e a morte gloriosa do eminente português.

Defende a memória do audaz navegador e exclama: Serviu Castela? Sim, mas porque a Pátria lhe desprezara os serviços que, embora oferecidos a estrangeiros, Magalhães sabia que dariam a Portugal uma glória de sempre, porque vincularam imorredoiamente a alma portuguesa numa obra que redundou em benefício imenso da civilização humana.

Nutridas palmas, que se prolongaram por alguns minutos, coroaram a magnífica oração do distintissimo professor e académico, a quem a assemblea ovacionou entusiasticamente, sendo o Sr. Cervaens y Rodríguez abraçado e felicitado efusivamente pelos seus consócios e cumprimentado pelo ilustre Chefe do distrito.

O Sr. Presidente do Instituto congratulou-se com o brilhante êxito desta festa e, sobretudo, da conferência acabada de ouvir, agradecendo a cativante e espontânea representa-

ção de Suas Ex.^{as} os Srs. Presidentes da República e do Governo, este último também um dos mais insignes sócios do Instituto.

O Sr. Governador Civil, depois de pôr em relêvo o alto significado daquela memorável festa, encerrou a sessão, sendo acompanhado até à porta do edificio pela Direcção do Instituto e vários cavalheiros presentes.

(De *A Aurora do Lima*, de 29 de Abril de 1921).